

A Eucaristia e os pobres são os dois tesouros da Igreja. Na Eucaristia e nos pobres contemplamos o rosto de Jesus. Ele veio para trazer vida plena ao mundo, saciar de fome o faminto. Por esse fato, não se pode duvidar da dimensão social do sacramento do altar, e quem comunga do Corpo do Senhor não pode ser insensível à fome humana. Eucaristia é também comunhão de bens, partilha, distribuição da renda. É um projeto de solidariedade e de afirmação da dignidade humana. O magistério recente afirma a relação entre Eucaristia e fome mostrando a Eucaristia dominical como um “projeto de fraternidade”. Ali vive-se a escola da caridade, da justiça, da reconciliação, da paz. Ali adquirem-se forças para lutar contra as estruturas sociais de pecado e para defender a dignidade dos filhos e filhas de Deus. Ali aprende-se o significado social do lava-pés. Esse é o testemunho que os cristãos são chamados a viver na sociedade atual, assumindo uma “cultura eucarística” que expressa a defesa da vida, a comunhão, a solidariedade, a defesa da criação. Desse modo, a Eucaristia como “pão do céu para a vida do mundo” opõe-se aos sinais de antieucaristia da sociedade globalizada do nosso tempo.

Abstract: The Eucharist and the poor are to be held as two treasures to be cherished by the Church, since in the Eucharist and in the poor we are able to visualize the face of Jesus. In fact he came into the world to bring us the plenitude, to satiate those who are hungry and famished. In view of that there is no doubt about the social dimension of the sacrament of the altar. Thus he who receives Holy Communion cannot be indifferent to the hunger of human beings. The Eucharist implies also a sharing of one's possessions and a distribution of one's earnings. The aim of this kind of sharing is the virtue of solidarity and the recognition of everybody's human dignity. The Magisterium recently stated the relationship between the Eucharist and the satiety of one's craving for spiritual food, thus demonstrating the fact that the Eucharist celebrated on Sunday is a practical way of “fraternal service” to those in need. Moreover, those who receive Holy Communion are assimilating also the teaching transmitted to them in the school of charity, of justice, of reconciliation, and of peace. Its aim is to strengthen them by the grace of God so as to withstand the influence of sinful structures in society and to defend human dignity of the children of God. Christians should learn from the rite of Christ's washing the feet of the disciples as an example to be practiced in their lives and to create a “Eucharistic culture” among those who are engaged in the task of furthering projects in the social area. In this sense, the Eucharist has its impact in the world as “the bread of life for the world” in contrast with the signs of anti-eucharistic objectives pursued in society.

Eucaristia e amor social: os pobres e a fome

*Dom Orlando Brandes**

* O Autor, Mestre em Teologia Moral, é Arcebispo de Londrina, PR, e foi professor e diretor do ITESC



Introdução

Este artigo é o desdobramento de uma palestra feita no 15º Congresso Eucarístico Nacional, em Florianópolis. A Eucaristia, a fome e os pobres são realidades gêmeas, siamesas. Desde o êxodo, o maná (Ex 16), até às comunidades primitivas (1Cor 11,17-34), fome e Eucaristia estão interligadas.

O magistério não se omitiu em relação a esta dimensão. Bento XVI, na encíclica “*Deus Caritas est*” n° 21 afirma: “A diaconia, o serviço do amor ao próximo, exercido comunitariamente e de modo ordenado, ficará instaurada na estrutura da própria Igreja”. Esta afirmação refere-se à instituição do Diaconato (Atos 6) para servir as mesas. No ano 220 Tertuliano atestava que “a caridade dos cristãos suscitava a admiração dos pagãos”¹ (*Deus Caritas est*, n° 22).

Este artigo contempla de modo particular as posições do magistério de João Paulo II a respeito da Eucaristia e da fome. A Eucaristia e os pobres são os dois tesouros da Igreja e não se pode duvidar da dimensão social do Sacramento do altar. O amor fraterno é a prova da autenticidade de nossas celebrações eucarísticas.

Nosso artigo divide-se em duas partes: a primeira ressalta a dimensão social da Eucaristia; a segunda, as características de uma sociedade antieucarística. Tudo isso significa que a espiritualidade eucarística não pode ficar limitada ao coração dos fiéis nem ao templo, mas, completando-se, deve ser *pão para vida do mundo* (Jo 6,51).

I. A Dimensão social da Eucaristia: os pobres e a fome

1. A Eucaristia e a fome

A matéria prima da Eucaristia é o pão, a farinha, o trigo, que brotam da terra e do trabalho humano. Deus liberta seu povo do Egito sob a liderança de Moisés, para dar-lhe terra, pão, liberdade, e assim Israel pode adorar o Senhor. No deserto, os hebreus são alimentados com o pão que desceu do céu: o maná (Ex 16). Melquisedec oferece a Deus

1 BENTO XVI, Encíclica *Deus Caritas est*, n. 22.



pão e vinho, ele é o “rei da justiça” (Gn 14,18-20). O pão na mesa requer a justiça social. Eis o sacerdócio *segundo a ordem de Melquisedec* (Sl 110-4).

O profeta Elias é alimentado por Deus através de um anjo, porque tem um longo caminho a percorrer (1Rs 19,7). Isaías descreve o tempo messiânico como um banquete na montanha (Is 26,6-8). Javé foi sempre o amparo do órfão, da viúva, do estrangeiro e do pobre (Sl 146,9). Os salmos são louvores ao Criador, toda a criação canta hinos de ação de graças. Todos os bens da criação têm um destino universal. A terra e seus bens são para todos. Terra para todos e terra sem males em favor da vida. O plano criador é o Éden, o jardim que o pecado humano transformou em deserto, estepe, terra seca e geopolítica. Enfim, Jesus nasce em Belém, cidade do pão.

Na carpintaria de Nazaré, Jesus aprendeu fazer mesas e ajudou Maria a preparar a comida. Percebeu no grão de trigo o que iria acontecer com ele mesmo na páscoa: morrer e ressuscitar. Falará da farinha e do fermento, e na tentação dirá que *não só de pão vive o homem* (Mt 4,4). Logo no início do seu ministério, já começa a fazer refeições nas casas. Exulta com Zaqueu, que dá a metade dos seus bens aos pobres. Seu alimento é fazer a vontade do Pai. Lamenta profundamente a atitude do jovem rico, dos que confiam nas riquezas. Suas parábolas referem-se a banquetes e festas de casamento como símbolos do reino de Deus. Seu grupo passa por necessidades básicas e por isso apanham trigo na roça alheia ao longo do caminho (Mc 2,23). Recebe ajuda das mulheres ricas que se converteram (Lc 8, 1-3). Jesus faz a experiência da pobreza e da partilha, tal qual a pobre viúva de Sarepta quando diz ao profeta: meu filho e eu vamos comer o último bocado e depois morrer (1Rs 17,12). Assim fez Jesus na última ceia. Antes de celebrar a Eucaristia, Jesus foi um homem eucarístico, tinha um jeito e uma forma eucarística de viver. Ele veio trazer vida plena, e o pão do céu, que Ele oferece e que identifica com *a sua carne, é para a vida do mundo* (Jo 6,51).

Em pleno ministério público, Jesus, cheio de compaixão pelo povo, ordena aos discípulos: “*Dai-lhes vós mesmos de comer*” (Mc 6,37). Multiplica os pães para saciar a fome do povo e identifica-se com os famintos: “*Tive fome e me destes de comer*” (Mt 25,35). Jesus está faminto. Na Eucaristia e nos pobres contemplamos o rosto de Jesus. A Igreja tem dois tesouros: os pobres e a Eucaristia. O pão do céu é *para a vida do mundo* (Jo 6, 51). Foi no partir do pão que os discípulos de Emaús reconheceram a Jesus (Lc 24,31).



Ao ensinar seus discípulos a rezar, Jesus pede pelo pão cotidiano. Com estômago vazio não podemos chamar a Deus de Pai. Pedimos o pão em solidariedade com os outros: “pão nosso”. O Pai, doador da vida, dá-nos o alimento necessário, os bens materiais e espirituais. Como não lembrar da parábola do pobre Lázaro (Lc 16,19-31)? Pedindo o pão, estamos pedindo pela instauração da justiça nas relações pessoais, sociais, econômicas e internacionais. Todavia, sabemos que não existirão estruturas justas sem seres humanos que queiram ser justos. Cristo mesmo é pão: “semeado no seio da Virgem, levedado na carne, amassado na Paixão, colocado em reserva na Igreja, repartido nos altares, Ele é o alimento celeste”² (CIC 2837).

Ao comungar o Corpo do Senhor, o pão do céu, não podemos continuar sendo insensíveis à fome humana, consumistas, “pão-duro e mão fechada”, nem colaboradores do desperdício e da ostentação. Eucaristia é também comunhão de bens, partilha, distribuição da renda. Mais ainda, a Ceia do Senhor é um “projeto de solidariedade” (João Paulo II) que mobiliza os fiéis para a ação social. A Eucaristia cria uma “cultura eucarística” que é a cultura da vida, da comunhão, da gratuidade, da dignidade humana, do diálogo e da misericórdia. Um novo mundo é possível a partir de Cristo e da Eucaristia. Sem a Eucaristia sofremos fome e solidão. Para não celebrar indignamente, precisamos organizar o atendimento aos pobres, desestabilizar as estruturas injustas e viver um estilo de vida onde a simplicidade e a sobriedade sejam visíveis.

2. A Eucaristia e a fome no magistério recente

Oferecemos aqui alguns textos do magistério do Papa João Paulo II, do 48º Congresso Eucarístico Internacional em Guadalajara (2004) e do Sínodo dos Bispos sobre a Eucaristia realizado em Roma durante o mês de outubro de 2005.

2.1. *Carta Apostólica Dies Domini, 1988 (nn. 69-73)*

O domingo, dia da solidariedade

O papa João Paulo II aponta quatro textos bíblicos para fundamentar a afirmação de que o domingo, marcado pela Eucaristia

2 Catecismo da Igreja Católica, n. 2.837.



dominical é dia da solidariedade. Começa por Jo 15,10-12: “*O meu mandamento é este: amai-vos como Eu vos amei*”. Em seguida cita 1Cor 16,2: “*No primeiro dia da semana, cada um de vós ponha de parte, em sua casa, o que tiver podido poupar*”. Esta passagem é entendida à luz de 1Cor 11,20-22, onde Paulo apóstolo corrige as assembléias eucarísticas onde uns se fartam e outros passam fome. Por fim, comenta o texto da Carta de São Tiago 2,2-4, a respeito da discriminação e acepção que se faz nas assembléias eclesiais em relação aos ricos e aos pobres.

O papa conclui sua reflexão afirmando que a Eucaristia dominical é um **projeto de fraternidade** (nº 72).

A Eucaristia dominical e o domingo é uma grande escola de caridade, de justiça e de paz, um projeto de solidariedade, impulso para alterar as **estruturas de pecado**. Longe de ser evasão, o domingo cristão é antes **profecia** que obriga os crentes a seguir Jesus, que veio anunciar a Boa Nova aos pobres e libertar os oprimidos (Lc 4,18-20). Na escola do domingo, os fiéis se tornam “agentes de paz” (nº 73).

2.2. Novo Millennio Ineunte (nn. 49-52)

Carta Apostólica sobre o Novo Milênio (2001)

Jesus se identificou com os pobres (Mt 25, 35-36). Este texto projeta um feixe de luz sobre o mistério de Cristo. Há na pessoa dos pobres uma especial presença de Cristo, obrigando a Igreja a uma opção preferencial por eles. Ninguém deve ser excluído do nosso amor, mas há nos pobres uma especial presença de Cristo.

Na comunidade cristã, os pobres devem sentir-se como em sua casa. Sem esta forma de evangelização, o anúncio do Evangelho corre o risco de não ser compreendido. O cristão deve debruçar-se sobre a fome, o analfabetismo, as novas pobrezaas, a solidão, a marginalização, as drogas, a violência. É preciso decifrar o apelo que Cristo lança à nossa fé a partir do mundo da pobreza. A caridade hoje requer maior capacidade inventiva. É hora de uma “nova fantasia da caridade”.

Há que rejeitar a tentação de uma espiritualidade intimista e individualista que não se coaduna com as exigências da lógica da Encarnação, da caridade, nem com a tensão escatológica do cristianismo.



2.3. Ecclesia de Eucharistia (n. 20)

Encíclica sobre a Eucaristia (2003)

A Eucaristia enquanto lava-pés, sendo celebrada num contexto de indiferença para com os pobres, torna-se uma **celebração indigna**. A vida cristã, por força da Eucaristia, deve atuar na transformação do mundo. Nas mil contradições do mundo globalizado, os mais pobres pouco podem esperar.

Já em 1965, na encíclica *Mysterium Fidei*, Paulo VI dizia: “O culto eucarístico promove o amor social, levando-nos a antepor o bem comum ao bem particular, a fazer nossa a causa da comunidade abraçando o mundo inteiro” (n° 71). Mais perto de nós, em sua catequese semanal sobre a Eucaristia, João Paulo II ensinava que a Eucaristia é para saciar o mundo inteiro. O pão partido abre a vida do cristão para a vida do mundo, dá coragem para a solidariedade, é escola permanente de caridade, justiça e paz. Na Eucaristia comungamos o amor-doação, e assim é possível progredir e permanecer no amor, transformando situações de ruptura em relações de aliança.

2.4. Mane Nobiscum Domine (n° 27-28)

Carta Apostólica sobre o Ano Eucarístico (2004)

Aqui João Paulo II afirma que a Eucaristia é um projeto de solidariedade e o cristão um promotor da solidariedade e tecedor do diálogo, da comunhão e da paz. Da Eucaristia recebemos o impulso para a edificação de uma sociedade mais equitativa e fraterna. Os critérios de domínio são invertidos em critérios de serviço por força do lava-pés. São Paulo reafirma vigorosamente que **não é lícita** uma celebração eucarística onde não resplandeça a partilha concreta com os mais pobres.

A autenticidade das nossas celebrações eucarísticas será comprovada pelo critério do amor mútuo (Jo 13,35): “*Nisto conhecerão que sois meus discípulos*”. O lava-pés explica de modo inequívoco o sentido da Eucaristia.

À luz deste ensino sobre a Eucaristia e a fome, o 48° Congresso Eucarístico Internacional em Guadalajara, no México, não deixou de testemunhar que a Eucaristia enquanto ceia, requer: a comunhão de bens no mundo; a partilha para os necessitados; o serviço das mesas; a superação da divisão e a luta contra a discriminação. A Eucaristia é uma escola de diaconia.



3. Sínodo sobre a Eucaristia (2005) e amor social

Na Sala do Sínodo ouviu-se o clamor de muitos Padres Sinodais a respeito da Eucaristia e da fome. Antes de tudo ressaltou-se o perigo de uma espiritualidade eucarística desencarnada, pietista, intimista. Os textos bíblicos foram: Mc 6,37: “*Dai-lhes vós mesmos de comer*”. Aqui Jesus dá a entender que diminuir a fome é uma tarefa e obrigação eucarística. O Senhor vincula a Eucaristia ao problema da fome. Assim também fez o apóstolo Paulo na 1Cor 11,17-34, onde afirma que a fome envergonha os pobres e que comemos nossa condenação e celebramos indignamente a Eucaristia enquanto houver fome e pobreza.

Outro texto focalizado nas intervenções da Aula Sinodal foi o de Mt 25, 35-36. Jesus aqui se identifica com os pobres e realça sua presença especial neles. A Eucaristia e os pobres são os dois tesouros da Igreja. Desde os primórdios da Igreja, a coleta da celebração era para socorrer os necessitados.

A Eucaristia clama por uma nova ordem econômica e para a globalização da solidariedade. O pão da vida é também uma ordem para o pão da mesa. Daí a necessidade de repartir o bem-estar de uns para dar possibilidade de vida a outros, lembrando que o Criador destinou os bens da criação para todos. A Eucaristia reforça o destino universal dos bens. Aí está o mundo novo antecipado na Eucaristia, que é um projeto de solidariedade.

Os Padres Sinodais, sábia e profeticamente, relacionaram a Eucaristia com a distribuição dos bens, da criação, com o maná dado por Deus no deserto, com a oração do Pai-Nosso onde pedimos o pão cotidiano, e com a multiplicação dos pães. Quem adora Jesus no pão consagrado deve reconhecê-lo também nos pobres. Alguém bem lembrou que quem comunga se torna pão e nutrimento dos outros, e comunga também os irmãos: “Minha missa é minha vida e minha vida é minha missa”³.

Chama a atenção o título da Mensagem Final do Sínodo: “Eucaristia, pão vivo, para a paz do mundo”. A homilia de Bento XVI na missa de conclusão do Sínodo tem como lema: “Ser pão partido para os outros”. Tudo indica que a dimensão social da Eucaristia foi salientada nas mensagens centrais do Sínodo sobre a Eucaristia.

3 Santo Alberto HURTADO, jesuíta chileno, falecido em 1952 e recentemente canonizado.



Não poucos Padres Sinodais fizeram referência ao documento *Mane Nobiscum* n° 28 de João Paulo II, onde, por duas vezes, está afirmado que a autenticidade de nossas celebrações eucarísticas será comprovada pelo amor mútuo e o amor aos pobres. A indiferença para com os pobres torna nossas missas ilícitas e indignas. Pelo lava-pés Jesus explica de modo inequívoco o sentido da Eucaristia.

4. Eucaristia e dignidade humana

Receber a Eucaristia é uma grande honra, um grande apreço, um inestimável dom de Deus que nos eleva. Felizes nós, os convidados, que nos sentimos honrados e dignificados pela graça da Eucaristia. Comungar é um dom imerecido que confere ao povo cristão uma dignidade incomparável. Somos transformados naquele que recebemos, somos contemporâneos, concorpóreos e consangüíneos de Cristo, consortes da natureza divina. Com Ele somos um só ser, uma só coisa, um só espírito. A Eucaristia é nossa elevação e promoção da dignidade humana.

Na ceia eucarística, Cristo recebe a cada um de nós, intensifica sua amizade conosco. É ele que nos assimila. A todos os que comungam, o Senhor diz: *Sois ossos de meus ossos, carne de minha carne* (cf Gn 2,23). O Senhor nos torna dignos para estar na sua presença e sentar à sua mesa. Somos seus convivas, seus comensais. O Senhor não só está conosco, como prometeu, mas dentro de nós. O lava-pés é a explicação do sentido da Eucaristia. Dignificados pelo Senhor, iremos respeitá-lo nos irmãos, especialmente nos pobres, reconhecendo sua dignidade. É indigna a Ceia do Senhor onde há indiferença pelos pobres. A Eucaristia nos torna defensores e profetas da dignidade humana.

No Sacramento do altar, Cristo se confia, a si mesmo, a cada um de nós. Nossa resposta é amor e gratidão. Somos sacrários, tabernáculos, ostensórios do Senhor. Em cada comunhão estamos ressuscitando. Jesus comunga nossa vida, nosso cotidiano, e enche-nos de incomparável dignidade. Ele quer ser nosso contemporâneo e companheiro de peregrinação. A nossa vida passa a ser nossa missa. O ato de comungar é um ato de reconhecimento da dignidade humana, mais ainda, um ato de promoção humana. Quanto assombro, admiração, gratidão e arrebatamento emergem da Eucaristia! Nossa vulnerabilidade é transformada em bênção. O Senhor nos *tira do lixo e nos faz sentar entre os príncipes* (cf Sl 113,7), sentar à sua mesa.



A Eucaristia é assim impulso de promoção humana, de respeito pela comum dignidade de todos os seres humanos, de globalização da solidariedade e de esforço de inculturação. Quanta humildade de Deus e quanta elevação humana, em forma de amizade, temos no mistério da Eucaristia. O Corpo do Senhor dado e seu sangue derramado é para o bem, a salvação, a libertação de todos.

A Eucaristia é o tesouro que a Igreja recebe de seu Esposo como penhor de imenso amor. Há um amor sponsal na Eucaristia, onde nossa união com o Senhor faz de nós um só espírito com Ele. A ceia traz em si o valor da intimidade, da amizade, da confiança. A dignidade humana recebe da Eucaristia uma magnificação inaudita enquanto somos comensais e convivas da mesa do Senhor, familiares do Senhor.

A dignidade humana tem seu fundamento no amor criador de Deus que nos fez à sua imagem e semelhança, porém nossa mais alta condecoração é a filiação divina pelo batismo. Com a ressurreição de Jesus, a carne humana foi dignificada ainda mais pela ressurreição da carne, pela vocação à vida plena na eternidade. Todavia, na Eucaristia esta dignidade é ressaltada pelo dom imerecido e inaudito da comunhão com o Corpo e Sangue de Jesus vivo e glorioso. Pela fé, a vida na glória já é antecipada, principalmente na Eucaristia. Que então o corpo humano não seja humilhado, prostituído, discriminado, torturado. Não passe fome, nudez, exploração. Fomos comprados, resgatados pelo sangue de Jesus. Eis o nosso preço. “Reconhece, ó cristão, a tua dignidade!” (Leão Magno).

A pessoa humana é a única criatura que Deus quis por si mesma. Na Eucaristia Jesus se faz devoto da pessoa humana e nossa carne se tornou a chave e o chão da salvação. Deus é encontrado em nossa carne. Somos a irradiação da glória do Senhor. Cada pessoa tem direito à boa fama, à honra, ao respeito pela sua dignidade, direito à privacidade. Somos ostensórios da glória do Senhor, refletimos como num espelho esta glória de Jesus (2Cor 3,18), somos seu perfume (2Cor 2,15). A tudo isso chamamos de divinização do homem. Em cada Eucaristia vamos nos cristificando e divinizando sempre mais, até chegarmos ao face à face onde seremos coroados na glória eterna, no fim que não terá fim. O amor jamais acabará.

5. Significado social do lava-pés

1. O gesto do lava-pés transforma as relações de domínio em relações de serviço.



2. O lava-pés supera as rupturas e divisões criando relações de aliança.
3. Inverter o comportamento egoístico em atitude altruísta é fruto do lava-pés. O outro se torna amigo e irmão, os inimigos são acolhidos como amigos.
4. O lava-pés coloca o outro de pé e levanta os caídos.
5. Lavar os pés é encurtar distâncias, vencer diferenças, superar divisões, transformando inimigos em amigos.
6. O lava-pés nos coloca aos pés das vítimas em atitude de serviço.
7. Pela força do lava-pés ninguém será mais espezinhado, chutado, pisado pelo poder, pelo domínio, pela vingança.
8. O lava-pés nos faz caminhantes e peregrinos na direção do irmão.
9. Tem os pés sujos quem alimenta ódio, raiva, vingança no coração.
10. Num contexto de discórdia e divisão, numa situação de indiferença pelos pobres, a celebração eucarística é indigna porque não está na lógica do lava-pés.
11. O lava-pés é o abraço de reconciliação, é o encontro de perdão, é o diálogo dos diferentes.
12. Pelo lava-pés cai a discriminação, o racismo, a exclusão, a mentalidade de privilégios e de classes. É escola de igualdade.
13. O lava-pés é acolhimento, hospitalidade e cura dos pés feridos, pela aceitação das próprias fraquezas e as dos outros.
14. O lava-pés é uma inversão de critérios onde o outro se torna centro. O nome do lava-pés, hoje, é voluntariado, altruísmo, solidariedade, gratuidade.
15. O lava-pés confirma que quem salva não é o poder, mas o amor.
16. O lava-pés faz da Igreja “casa e escola de comunhão”, onde os pobres se sentem em casa.
17. O lava-pés nos faz misericordiosos, compreensivos e samaritanos, com a coragem da solidariedade e uma nova fantasia da caridade.
18. Inclinando-se a lavar os pés dos discípulos, Jesus explica de forma inequívoca o sentido da Eucaristia. O amor fraterno é a prova da autenticidade das nossas celebrações eucarísticas.



19. O lava-pés indica o poder da ternura e a fraqueza da violência. Ou vivemos todos como irmãos, ou morreremos todos como loucos.
20. Pelo lava-pés percebemos que quem se inclina perante o próximo, eleva-se diante de Deus. É superada a relação senhor-escravo pela relação de aliança e de igualdade.
21. Enxergamos bem, lá onde estão nossos pés. É preciso ir ao povo, ser companheiros de viagem, os pés fazem a gente ver melhor. Compremos pares de sandálias e andemos ao encontro dos outros.
22. Lava-pés é despir-se do poder, revestir-se com o avental do servo e desamarrar as sandálias, colocando-se no lugar do outro. Assim fez o bom samaritano.
23. O lava-pés é escola de relacionamento e acolhimento, atitude de confiança que supera as competições, pretensões, invejas e arbítrios.
24. Lava-pés é desejar os desejos dos outros, querer o bem do outro, interessar-se pelos interesses dos outros, sofrer a dor dos outros e ajudar a carregar seus fardos.
25. Lava-pés é libertar-se do narcisismo, da aparência, da presunção, das gratificações, para a gratuidade.
26. Lava-pés é esvaziamento de si e elevação do outro, é satisfação pelo bem-estar alheio. A lógica do lava-pés é não prejudicar, e saber alegrar-se com o sucesso dos outros.
27. Lava-pés é compaixão, tolerância e respeito pelo outro. Tratar os outros como tratamos nossos melhores amigos.
28. Lava-pés é descer de nossos pedestais e chegar até o chão, deixando que o pó e o barro nos revelem de que somos feitos. “É preciso colocar-se abaixo do pó que os pés das pessoas pisam” (Gandhi).
29. Quem vive o lava-pés poderá ser um mártir, nunca um algoz.

6. Eucaristia e cultura eucarística

O mistério eucarístico não se restringe ao templo nem ao coração do fiel, mas é para a vida do mundo. Leva a um novo modo de ser e a um novo modo de viver. Cria comunhão, unidade, relações de aliança. Inspira atitudes e opções de vida em favor dos pobres, dos excluídos, dos doentes.



Supera divisões, inimizades, ódios e realiza reconciliação, convivência pacífica. Esta forma eucarística de viver caracteriza a Igreja Primitiva, onde *não havia necessitados* (cf At 4,34), e cativavam a simpatia do povo (cf At 2,47).

O jeito comunitário e solidário de conviver, é o que chamamos de cultura eucarística, “sistema eucarístico” que muda o sistema econômico consumista egoístico em favor de um estilo solidário de existência. É *o pão do céu para a vida do mundo* (Jô 6,51). Vejamos alguns aspectos da cultura eucarística.

A cultura eucarística como cultura da vida

Que a Eucaristia é remédio que cura, pão da imortalidade e pão da vida, força que impele a alegria de viver, ensina hospitalidade, leva à generosidade e solicitude para com os outros, não se pode duvidar. Vence a cultura da morte e promove a cultura da vida em todos os seus níveis, inclusive na ecologia.

A cultura eucarística como cultura de comunhão

Unidade, participação, inclusão, comunhão são comportamentos e atitudes eucarísticas. Comungamos o Corpo de Cristo para ser o corpo da Igreja e respeitar o corpo humano. Vencer a solidão, a discórdia, o ódio, as divisões e estabelecer unidade e fraternidade, é próprio da cultura da comunhão, resultado de uma espiritualidade de comunhão, fruto da Eucaristia. Daí que o racismo, as divisões, as exclusões, os guetos, são pecados contra a Eucaristia.

A cultura eucarística como cultura da gratuidade

Eucaristia é ação de graças, louvor, gratidão, que no cotidiano se traduz em atitude de gratuidade, altruísmo, serviço, voluntariado. Na cultura da gratificação, do pagamento, do cálculo, a gratuidade fala alto porque é doação de si, generosidade, amor desinteressado. Hoje, como ontem, aquilo que é de graça, atrai.

A cultura eucarística como cultura da solidariedade

A Eucaristia tem muito a ver com a fome e a partilha do pão. Jesus se identifica com os famintos e sofredores. Eles também são



sacrários da presença do Senhor. A ordem eucarística é: “*Dai-lhes vós mesmos de comer*” (Mc 6,37). Onde há fome, a celebração da Eucaristia é incompleta. Antes de celebrar a Eucaristia, Jesus multiplicou os pães e lavou os pés dos discípulos.

A cultura eucarística como cultura da beleza

A arte de celebrar, o espaço litúrgico, o canto, os enfeites, a arquitetura das Igrejas, enfim, a beleza, a estética, são reflexos da luz, do atraente e do irradiante que existe em Deus, o Sumo Bem. Sem beleza não fazemos a experiência do fascínio, do encanto, da maravilha, que envolve o mistério de Deus, autor e criador de toda beleza. A Eucaristia gera enlevo eucarístico.

A cultura eucarística como cultura da ternura

Jesus se inculturou num lugar do globo terrestre, num povo, numa religião, numa família. Aprendeu a preparar refeições, a fabricar mesas, a perceber o valor do fermento, do grão de trigo, do pão. A Eucaristia é o sacramento da ternura de Deus que se faz nosso companheiro de viagem, faz questão de estar conosco e *quer entrar em nossa casa para cearmos juntos* (cf Ap 3,20). O tabernáculo é descanso e conforto, consolação e presença amiga. Jesus convida-nos para seu banquete, faz festa para seus convivas, tem compaixão dos famintos, multiplica os pães, prepara o peixe nas brasas e convida para a ceia (Jo 21,12). Em ambientes de violência, terrorismo, ódio, prisões, campos de concentração, a Eucaristia tem sido a ternura de Deus e a vitória da ternura. Há uma dialética esponsal na Eucaristia, o amor que se doa, o amor de aliança, de ternura.

A cultura eucarística como cultura do mistério

Nosso mundo é racional, científico, matemático, produtivo. O mistério rompe com estes horizontes estreitos e faz pensar na transcendência, na ressurreição, no além, na vida após a morte. Sim, o mistério faz pensar. A Eucaristia é mistério da fé, por ser presença de Jesus vivo, memorial do sacrifício da cruz, celebração da páscoa, ação de graças, antecipação da glória futura. Nada disso nos empobrece; pelo contrário, nos abre para dimensões que dignificam a pessoa humana e revelam o amor de Deus.



7. Eucaristia e ecologia

1. O pão é a matéria prima da Eucaristia. Pão, farinha, trigo, terra e trabalho, se transformam, na consagração, no Corpo de Cristo Ressuscitado. As moléculas do pão e vinho, transformadas no Corpo do Ressuscitado, indicam que a matéria e toda a criação está destinada à transformação, à cristificação, à ressurreição. A Eucaristia é sinal do futuro da matéria e da criação.
2. Todas as criaturas louvam o Criador: “*sol e lua, bendizei ao Senhor (Dn 3,62)*”. A criação é revelação da presença, sabedoria e beleza do Criador e canta seu louvor. Todas as coisas são eucarísticas enquanto manifestam a presença de Deus e cantam seu hino de gratidão. Estas mesmas criaturas são transformadas, no altar, no Corpo de Cristo, e participam do louvor máximo que é a Eucaristia. O mundo criado volta ao Pai, redimido por Jesus. A Eucaristia é a ressurreição da matéria, é a antecipação do novo céu e da nova terra.
3. A Eucaristia tem um caráter cósmico, universal, porque é salvação e redenção de toda a humanidade. Abraça e impregna toda a criação, une o céu e a terra. Assim, a missa é sempre celebrada sobre o altar do mundo. A cruz é o altar cósmico que salva o universo e a missa é a glorificação do cosmos. O Cristo cósmico presente na criação é glorificado na ressurreição. Todo esse mistério está presente na Eucaristia.
4. Na Eucaristia, Cristo glorioso se apodera da matéria. O que acontece com o pão e o vinho irá acontecer com todo o cosmos – a ressurreição. Isso já aconteceu no corpo de Jesus ressuscitado e agora acontece na Eucaristia. Toda a realidade cósmica, criada em Cristo, está destinada a participar da vida gloriosa de Deus, à realidade pascal de Jesus. A Eucaristia é a antecipação da vida eterna, da glória futura.
5. A Eucaristia, *pão do céu para a vida do mundo* (Jo 6,51), impele-nos a combater a fome e a zelar pela criação, pelo mundo cósmico que é a condição básica da vida na terra. A Eucaristia é um compromisso com a ecologia porque é pão da vida. Temos o pão graças à criação, à terra e ao trabalho humano. Para combater a fome e defender a vida, a Eucaristia vem em defesa da ecologia. O mesmo Espírito da criação no Gênesis, da



encarnação no Seio da Virgem Maria, da ressurreição de Cristo, é o que torna real a presença de Jesus no pão e no vinho. O corpo ressuscitado de Jesus, e o corpo eucarístico de Jesus, são pneumatizados, espiritualizados, ressuscitados pelo mesmo Espírito que tornará nosso corpo mortal glorioso e assim todas as criaturas.

6. Na Eucaristia acontece antecipadamente a cristificação do cosmos. A matéria e o cosmos tornam-se o Corpo de Cristo. Já acontece agora a soberania de Jesus sobre o mundo. Não podemos matar a vida do cosmos que está destinada à vida plena, à glória. As coisas foram criadas em Cristo, dignificadas na sua encarnação, espiritualizadas na sua ressurreição. A celebração eucarística é anúncio e antecipação da glorificação de todas as coisas, nas espécies do pão e do vinho “eucaristizados”. A Eucaristia nos convida a uma conversão ecológica, à promoção e cuidado da vida cósmica.

II. Características de uma sociedade anti-eucarística

A Eucaristia – não nos cansemos de repeti-lo – é “*pão do céu para a vida do mundo*” (Jo 6,51). Os efeitos deste sacramento não se limitam ao coração dos fiéis nem ao templo. Da fé eucarística nasce um projeto de solidariedade, uma cultura eucarística, um sistema de vida fraterna.

Nossa sociedade contemporânea é anti-eucarística no sentido de ser uma cultura do bem-estar individual, que focaliza a tecnologia, o sucesso, o prazer, a prosperidade. Ainda mais, é uma cultura do efêmero, do imediato, da sensação, do instantâneo, uma espécie de legitimação do ego e de desculpabilização do mal.

Vejamos algumas características da sociedade anti-eucarística:

1. Os sete pecados da sociedade anti-eucarística

C. Berenstein, no livro “Sua Santidade”, conta que quando o Papa João Paulo II visitou a Índia em 1986, rezando diante do túmulo de Gandhi em Nova Dehli, ficou longo tempo tocando com sua mão a pedra da sepultura onde estão escritos os sete pecados sociais da humanidade moderna: “Política sem princípios; Riqueza sem trabalho; Prazer sem



consciência; Conhecimento sem caráter; Economia sem ética; Ciência sem humanidade; Religião sem sacrifício”.

1.1. Política sem princípios

Gandhi entendia muito bem de política e de mística. Percebeu a falta de ética na política e o desastre social que tal postura provoca. Os pilares éticos da política são: a justiça, a verdade, a liberdade e o amor. Uma política sem princípios éticos transforma-se em disputa de interesses pessoais, oligarquias, corrupção, fraudes, manipulação. A política que não estiver alicerçada no princípio do bem comum, da solidariedade, dos direitos humanos e na dignidade da pessoa, certamente contribuirá para o aumento da violência, da fome, da exclusão e da marginalidade social.

1.2. Riqueza sem trabalho

O Sistema neoliberal reforça a pirâmide social perversa, onde os ricos se tornam cada vez mais ricos e os pobres cada vez mais pobres. A técnica e a informática, desligadas dos valores, fortalecem o apartheid social onde muitos trabalham, mas a riqueza fica nas mãos de poucos. Na cultura consumista, onde os filhinhos de papai recebem tudo, sem trabalhar, está um dos maiores defeitos da vida moderna; é o problema da riqueza sem trabalho. O desemprego endêmico de hoje e do futuro indica o preço da opção pela tecnologia que aumenta a riqueza, diminui o trabalho e exclui o trabalhador. No sistema neoliberal, a máquina tem prioridade sobre o homem: eis o pecado estrutural denunciado em Puebla.

1.3. Prazer sem consciência

Gandhi viveu por decisão pessoal longos períodos de continência e castidade, porque tinha consciência de que a revolução sexual, como liberação da libido, tem levado as civilizações para a decadência. O prazer é dom do Criador em favor da vida. Mas, quando se torna “orgasmolatria e orgasmomania” erige-se em categoria de ídolo, exercendo sua tirania egocêntrica sobre as civilizações. Não podemos ser contra o sexo, nem contra o prazer, muito menos contra o corpo. Somos contra o prazer absolutizado, o “prazer sem consciência”. O prazer desordenado tem causado injustiça, violência, doença mental, desagregação da personalidade. Já o prazer ordenado, vivido com gratidão e consciência, é meio saudável de doação, criatividade, entusiasmo e gosto de viver.



1.4. *Conhecimento sem caráter*

Tal conhecimento é apenas erudição sem sabedoria, sem mudança de vida, sem a conscientização. O conhecimento sem caráter começa com o costume perverso de “colar na escola”, de conhecer para aumentar o poder, é a simbiose entre conhecimento e opressão, ciência e manipulação, “saber sem sabor”. Conhecer, na língua francesa *co-nâître*, significa “nascer com”, nascer de novo, crescer. Eis o que significa conhecimento enquanto amadurecimento, crescimento, mudança. Mas, conhecimento sem caráter, é ambição por poder, busca de prepotência, cujo fim é “conquistar o poder, aumentar o poder, assegurar o poder” (R. L. Shinn). Conhecimento sem caráter é o mesmo que dizer: “saber é poder”. Tal saber não serve mais à vida, mas à morte.

1.5. *Economia sem ética*

É o livre mercado, onde o dinheiro é a “nova Providência” e a propaganda a “nova evangelização”, com romarias a Miami e New York, onde os sacerdotes são os banqueiros e os empresários, e a fé se concentra na caderneta de poupança e nas bolsas de valores, cujos templos são os bancos, os motéis e os shoppings. O mercado tomou o lugar da religião e comanda a sociedade secularizada com impiedosa massificação das mentes. Economia sem ética é levar vantagem em tudo, é vender e lucrar, é mais valia, consumismo. Economia sem ética é enfraquecer o Estado e fortalecer o mercado livre, é globalização e eficácia, é desenvolvimento a todo custo, sem deixar-se afetar pelos pobres, desempregados, excluídos, marginalizados. “Nossas capacidades de exploração tornaram-se gigantescas, mas nossa capacidade de autocontrole das paixões, temores e agressões, nada cresceu” (Mitscherlich). O crescimento econômico sem ética é o pior monstro que a terra já viu. Ele é a fonte da violência, miséria, fome, prostituição, poluição, neurose e pânico. Lucrar, ser o mais forte, vencer, eis a lei da economia sem ética.

1.6. *Ciência sem humanidade*

É a ciência nas mãos de uma minoria que tudo sabe e a todos controla. É a ciência a serviço do poder e da violência, do racismo e do neoliberalismo. Ciência sem humanidade, é a ciência sem consciência, desligada dos valores e da fé, ciência a serviço de interesses egocêntricos. Em nome desta ciência, a poluição gera a morte da terra, os fetos são



“material descartável”, os pobres são os culpados do subdesenvolvimento, a clonagem é a substituição do amor sexual, do casamento e da família, a informática é meio de dominação do mercado. É a ciência a serviço das ideologias e interesses pessoais e corporativistas. “Sua ética é o interesse” (P. De Oliveira).

1.7. *Religião sem sacrifício*

É a religião sem testemunho, prédica sem prática, oração sem fraternidade, o culto só dos lábios. A pior das corrupções é a corrupção religiosa, onde se usa o nome de Deus e se manipula o povo, em busca de lucros. A religião virou mercadoria e até safadeza. Religião sem sacrifício, é religião sem cruz, sem o seguimento de Cristo pobre, casto e obediente. É pregar sem viver o que se fala, é ajustar a Palavra de Deus segundo nossos interesses, elevar nossos caprichos à esfera de vontade de Deus. Religião sem sacrifício é querer que Deus faça o que nós queremos. Religião sem sacrifício é dizer uma coisa e fazer outra. É querer Deus sem se envolver com o mundo.

2. Os sete vícios capitais globalizados

A trindade do mal é o ter, o poder e o prazer desordenados. Viram ídolos vorazes e têm suas catedrais: os bancos, os shoppings, os motéis. Os vícios capitais os sustentam. São sete segundo a moral católica, cuja globalização torna ainda mais dramática a sobrevivência humana.

2.1. **O orgulho**, que é a soberba, ostentação, vanglória, presunção. A globalização do orgulho está no mau uso do poder, nas atitudes de dominação, de intolerância, de discriminação, de prepotência. É a onipotência da economia intencional, cujo rosto mais concreto é a exclusão, a miséria e a superprodução para uma minoria. Hoje o orgulho tem seu rosto mais visível nas guerras e na violência.

2.2. **A avareza**, que é a ganância do ter, a ambição. A globalização da avareza é o jogo do mercado, o consumismo mundial com a depredação do meio-ambiente, as manobras dos países ricos, mais a corrupção. A concentração da renda, a competição, o lucro, são formas globalizadas da avareza.

2.3. **A gula**. Sua globalização se expressa no consumismo e no desperdício. O narcotráfico e o alcoolismo, são também expressões



globalizadas da gula ao lado da miséria galopante e das novas pobrezaas que surgem. As multinacionais e o mercado se encarregam de globalizar a gula, impondo necessidades desnecessárias e aguçando o desejo do consumo.

2.4. **A luxúria**, ou seja a permissividade, o hedonismo, a exasperação do prazer, a aids, a pornografia agora na internet, a pedofilia, o turismo sexual, a prostituição, agora estão globalizados, endeusados, liberados e mesmo assim a humanidade não alcançou a felicidade esperada. Mais de 14 mil pessoas adquirem aids por dia no mundo, 25 milhões já morreram e 146 milhões são portadores do vírus.

2.5. **A Ira**. Sua globalização é a violência e agressividade, especialmente o terrorismo e as guerras. Ira hoje é “cultura da morte”, violência urbana, armas nucleares. Há no mundo uma multidão de refugiados, prófugos, órfãos, viúvas, encarcerados políticos. São 150 milhões os migrantes das guerras no mundo.

2.6. **A inveja**. Uma vez globalizada, se manifesta na concorrência, na competição e nos lobbys, na formação de cartéis, nas empresas multinacionais, na fome de sucesso, no exibicionismo, no supérfluo, nas rivalidades, nas calúnias, difamações. Inveja é infelicidade diante da felicidade do outro, ou, ainda, felicidade pela infelicidade alheia.

2.7. **A preguiça**. Sua globalização está na apatia, na acomodação, na mediocridade, na facilidade. No túmulo de Gandhi estão escritos os sete pecados sociais da humanidade moderna: “política sem princípios; riqueza sem trabalho; prazer sem consciência; conhecimento sem caráter; economia sem ética; ciência sem humanidade; religião sem sacrifício”.

A superação dos vícios capitais globalizados acontecerá pela força da educação e da evangelização, até que seja globalizada a solidariedade.

3. A política do interesse pessoal

As crises econômicas são filhas das decisões humanas. Elas não caem das nuvens. Isso significa que a ética determina a economia. Se o Estado e a economia fossem a-éticos, tudo seria permitido. A vida social se rege por princípios éticos. Sem eles, a convivência humana vira um caos.

Segundo a doutrina social da Igreja, quatro princípios constituem o alicerce da ordem social justa: a verdade, a justiça, a liberdade e o amor. Longe destes princípios éticos a convivência humana é impossível.



Infelizmente, nossa sociedade ainda está longe deste ideal. Nossos fracassos econômicos são resultados da falta de ética e de princípios morais. Nossa crise econômica é uma crise ética. Vejamos porquê.

3.1. A política do jeito. A verdade é o primeiro princípio da ordem social. Em nossa terra, o jeito tomou seu lugar. Nossa verdade é “dar um jeitinho”. Dá-se um jeito para tudo. Mas, o que acontece é que a política do jeito ajeita alguns e desajeita uma maioria, porque o jeito está a serviço de interesses particulares. O jeito é a tática brasileira de lucrar. Isso reforça o rico, o poderoso e prejudica o pobre, o fraco. Através do jeito procura-se “levar vantagem em tudo”. A política do jeito é imoral porque é egoísta. Em nome do jeito manejamos as leis, enganamos o povo, manipulamos os impostos, fazemos pacotes. O jeito está a serviço da corrupção. “Dar um jeito” não é uma política inocente. A psicologia do jeito eleva a mentira à categoria de verdade, mascara a realidade, oculta fraudes, justifica erros. O jeito faz do Brasil o “reino das mentiras”, diz H. Lepargneur. Nossa crise econômica tem atrás de si uma boa dose de “jeitos não ajeitados nem ajeitáveis”.

3.2. A política do favor. O segundo princípio da ordem social é a justiça. Ninguém ignora que no lugar da justiça e do direito, nós somos regidos pela política do favor. Sabemos por experiência que o favor é uma maneira esperta de dominar. O favor compra as simpatias, as consciências e os votos. Não há eleição sem favores. A tática do favor favorece o autoritarismo e a manipulação. Ela tapa a boca e amarra a consciência do cidadão, tirando-lhe a autonomia. O favor compra a pessoa. Foste favorecido, agora fica quieto. Onde há favor não pode haver profecia. “O falso profeta fala de acordo com quem o sustenta” (F. Taborda). O favor cria cumplicidade, elitismo e servilismo. É impossível respeitar os direitos humanos, promover o bem comum, onde impera a política do favor. Os favorecidos, oprimidos pelo doador, deverão agradecer-lhe o favor e assim sustentam o “status quo”. Por ser interesseira, a ética do favor é imoral.

3.3. A política da ocultação. O terceiro princípio da ordem social é a liberdade. Todo poder tem medo da liberdade, por isso prefere a política da ocultação. É impressionante como nas explicações oficiais os culpados da crise brasileira são sempre os de fora: o mercado internacional, a crise externa, a trilateral etc. Oculta-se a iniquidade dos partidos, acusando os outros. São os outros os culpados pela inflação, pelos projetos faraônicos, gastos suntuosos, má administração do bem público. Ocultamos o autoritarismo fascista da Lei de Segurança Nacional,



apregoa abertura política e democracia. Ocultamos toda espécie de racismo através da ideologia da cordialidade, bondade e catolicidade do brasileiro. A ocultação da realidade legitima o interesse do dominador e cria uma falsa consciência dos fatos, o que impede o processo de libertação, de transformação social.

3.4. A política da politicagem. O quarto princípio da ordem social é o amor. A política e o Estado existem para a felicidade e a realização da comunidade. O “amor político” é a dedicação dos homens públicos pelo bem comum, pela justiça social, pelos direitos do povo.

Nossa história política infelizmente é a história dos interesses particulares, das famosas oligarquias, dos que sabem falar bem. A politicagem faz do Brasil o país do esbanjamento e do desperdício. Numa sociedade sem ética, o poderoso nunca vai preso, o aluno passa colando na escola, muita gente ganha para não fazer nada, a diferença salarial é escandalosa, o excesso de feriados e os dias enforcados aumentam. Nossa sociedade precisa de “profetas da verdade, políticos da justiça e de contemplativos do amor que promovam a revolução moral”.

A Eucaristia e o valor dos bens materiais

Primeira tese: Deus é o único proprietário da terra (Dt. 6,10-13; 8, 1-18) e os bens materiais são um valor necessário para o sustento da vida. Em 1Tm. 4,4 lemos que “tudo é bom” e que “nada é impuro” (Atos 10,15). Na oração do Pai-Nosso pedimos o pão de cada dia e, pelo mandato do quinto mandamento, somos obrigados em consciência a zelar pela vida. Os talentos devem render (Mt. 25, 14-30) e o operário é digno do seu salário (Lc. 10,7). Portanto, os bens materiais têm uma bondade intrínseca e estão a serviço do homem.

Segunda tese: O acúmulo de riquezas é um perigo. A Bíblia descreve concretamente estes perigos: servir dois senhores (Lc. 12, 22-30), avareza, ambição, pois “*o amor ao dinheiro é a raiz de todos os vícios*” (1Tm 6,9). Na verdade, o acúmulo de riquezas aumenta o contraste entre miséria e luxo que os profetas denunciaram, e facilmente inclina o coração do homem para as famosas falsas necessidades e o supérfluo. A sedução pelo supérfluo é origem de muitas preocupações estafantes e inúteis. O pior é que o supérfluo não nos pertence, ele é do nosso próximo, no dizer de Santo Ambrósio, citado por Paulo VI na *Populorum Progressio* n° 23. Lembrando de que “*passa a figura deste mundo*” (1Cor 7,21), o cristão não pode apoiar-se na fragilidade e



caducidade das riquezas. Elas não são más em si mesmas porém, pela culpa do homem, facilmente tornam-se sedutoras.

Terceira tese: Os bens materiais são meios a serviço da comunhão e da fraternidade entre as pessoas. A Bíblia fala que os primeiros cristãos *tinham tudo em comum* (At 4,32), que o trabalho é meio para socorrer os indigentes (cf Ef 4,28), e que a hospitalidade, a esmola, o socorro dos órfãos e viúvas são levados a efeito, graças aos bens materiais. Portanto, o uso dos bens deve estar sob o controle do amor e a serviço do amor.

Quarta tese: Jesus foi radicalmente pobre e aconselhou a pobreza. Ele não teve cama para nascer (estrebaria) nem para descansar (*as raposas têm sua toca, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça*, Lc 9,58), nem para morrer (cruz). Jesus chama os pobres, de bem-aventurados (Mt. 5,3) e se identifica com eles: “*tive fome, tive sede, estive preso*” (Mt 25,31 ss). Quem é apegado à riqueza, dificilmente entrará no Reino.

Penso que estas teses são muito esclarecedoras. Não é proibido o direito à propriedade, mas é rejeitado o acúmulo de riquezas, é destacado o supérfluo. Renunciar aos bens é um conselho de Jesus, visto que as riquezas constituem um perigo e sedução para o cristão e tal renúncia é uma condição necessária para a perfeição.

Contentar-se com o suficiente, converter-se à frugalidade e viver em sobriedade e austeridade, eis o caminho proposto pelo Evangelho. Para os cristãos, é um dever o desapego do supérfluo e regrar sua vida pelo conveniente, pelo necessário ou até pelo indispensável. Toda posse de bens deixa de ser evangélica desde o momento que impedir o desapego interior e a disponibilidade completa em favor do próximo. Oxalá a pobreza fosse também nossa rainha e senhora, como foi para São Francisco de Assis, que rezava assim: “Como Deus é pobre e humilde na Eucaristia!”

4. As novas pobreza

A pobreza é companheira da humanidade, embora seja resultado da má administração dos bens e da convivência desvirtuada. Os documentos da Igreja falam de “novas pobreza” que proliferam no mundo atual. Vejamos quais são:

4.1. Aumento da pobreza nos países ricos. Paris, Londres, New York, Tóquio, Roma etc, cidades do primeiro mundo, contam com o aumento de andarilhos, mendigos e pobres. Isso faz pensar. Ainda mais,



estes pobres não são migrantes, mas cidadãos, patriotas, gente da terra. E atenção: não são vagabundos, mas são produtos do sistema neoliberal. Entre eles há universitários, pessoas da classe média desempregada, e as vítimas do desemprego e da droga.

4.2. As migrações, hoje, são o novo rosto da pobreza moderna. Existem no mundo 150 milhões de migrantes contando os refugiados, estudantes estrangeiros, prófugos, vítimas de traficantes etc. As antigas e atuais guerras forçam multidões a migrar, como também a falta de assistência rural e o desemprego moderno.

4.3. O novo rosto da fome. Só no Brasil temos 50 milhões de miseráveis que estão abaixo da linha da pobreza. Num mundo de civilização e progresso, a miséria tende a aumentar. Os pobres são uma legião. A novidade desta pobreza é que se trata de um sub-produto da globalização. Querendo ou não, os fatos comprovam que globalização e marginalização andam juntas. Um milhão e duzentas mil pessoas no mundo vivem com menos de um dólar por dia e 80% da população mundial vive com 20% dos recursos. Eis a matriz geradora da violência e do terrorismo.

4.4. Novo tipo de pobreza é o desemprego endêmico que impiedosamente se impõe com a robotização, informatização etc. Uma simples máquina moderna joga na rua centenas de pais de família, de jovens não escolarizados, de adultos descartados. O desenvolvimento econômico é parcial e acaba destruindo a natureza e multiplicando o desemprego. Novos pobres são os jovens que absolutamente não têm certeza de emprego amanhã.

4.5. Nova pobreza assola a África. O que há de novo por lá? O abandono, a exclusão, o desinteresse do mundo pela África faz dela “o continente saturado de más notícias”, ou como disse o Cardeal Gaytin no Sínodo de Roma (2001): “A África é o continente mais desumanizado e humilhado do mundo”. Diziam outros bispos africanos no Sínodo acima referido: “A África tem o primado dos refugiados, dos sem-terra e sem-liberdade”. Lá as guerras, os refugiados, os órfãos, as viúvas, os presos, a devastação da Aids e da fome, os mais pobres entre os pobres que são jovens, mulheres e crianças, forçam a pobreza a crescer geometricamente. “A África não interessa mais a ninguém” (Cardeal B. Agre, de Abdijã).

4.6. Nova pobreza moral emerge no mundo de hoje pelo fracasso dos casamentos, pelo flagelo das drogas e do alcoolismo, pela devastação da Aids, pela corrupção generalizada, pela destruição da natureza, pela



indiferença religiosa fruto do consumismo avassalador, pela violência multifacial, pela ausência de ética e de oração. Esta nova pobreza tem rosto pós-moderno e urbano. Emergem neste contexto religiões e espiritualidades que ainda tentam mistificar esta realidade e até dela se aproveitar inescrupulosamente. Ou seja, emerge com a pobreza moral uma pobreza religiosa e espiritual fanática e fundamentalista, que em nome de Deus colabora com a miséria humana.

4.7. Há uma pobreza nova positiva que é o senso de partilha, o revigoramento do solidarismo, o empenho pelas mudanças e, principalmente, a “pobreza evangélica”. Esta pobreza significa desapego, sobriedade, opção pelos pobres, vida simples, luta pela libertação dos excluídos, preservação da natureza, apoio à reforma agrária, resistência ao consumismo, ao desperdício, ao supérfluo. Em nossas comunidades, os pobres devem sentir-se “como em sua casa” e nossas Igrejas sejam “casa e escola” de comunhão.

Conclusão

O Catecismo da Igreja Católica (nn. 2830 a 2834) explica o significado do pedido: “*o pão nosso de cada dia*”. A dimensão social deste pedido é ressaltada no Catecismo quando diz que ali se evoca a “presença dos que têm fome; o drama da fome no mundo; a instauração da justiça social econômica e internacional; a partilha dos bens”. Eis mais uma afirmação veemente e contundente do magistério da Igreja sobre a dimensão social da fé e da eucaristia.

A Carta Apostólica de João Paulo II sobre o Novo Milênio (*Novo Millennio Ineunte*, nn. 49-52) reafirma a presença especial de Jesus nos pobres e diz que em nossas comunidades os pobres devem sentir-se como em sua casa. Precisamos de uma nova “fantasia da caridade”, isto é, criatividade, inspiração, estímulo, em relação ao amor fraterno e solidário. “A Eucaristia é um projeto de solidariedade”, disse João Paulo II. Há que ser rejeitada a tentação de uma espiritualidade intimista e individualista, que não coaduna com a caridade. “É indigna a ceia do Senhor onde se verifica a discórdia e a indiferença pelos pobres” (Idem).

Fundamentados nas Escrituras, nos Santos Padres e no Magistério, concluímos que a celebração eucarística sem compromisso com os pobres, não é a ceia do Senhor e envergonha os pobres (ICor 11,22). Outra verdade a não ser esquecida é que “*não só de pão vive o homem*” (Mt



4,4). A politização da Eucaristia também é um desvio grave. O projeto eucarístico de Jesus é saciar todas as fomes do mundo.

Bibliografia

L'Osservatore Romano, Semanário em português, Vaticano, 2003-2006.

JOÃO PAULO II, Encíclica *Ecclesia de Eucharistia*, 2003.

BRANDES, Dom Orlando, *Meditações Eucarísticas*, Apostila.

JOÃO PAULO II, Carta Apostólica, *Dies Domini*, 1988.

Idem, Carta Apostólica, *Novo Millennio Ineunte*, 2001.

Idem, Carta Apostólica, *Mane Nobiscum Domine*, 2004.

Endereço do Autor:

Rua Osasco, 32

Jardim Sumaré

Caixa Postal 872 (86001-970)

86062-210 Londrina, PR